



# **cinema**

semanario cinematográfico

Ano 1.º  
N.º 35

Preço  
1\$00

A  
Companhia Cinematográfica  
de Portugal

vai apresentar brevemente no Cinema

**R I V O L I**

a excelente película

A CONDESSA  
DE MONTE-CRISTO

notável criação de

BRIGITTE HELM e RUDOLF FORSTER

Realização de KARL HARTL



*Brevemente a*

**Companhia Cinematográfica de Portugal**

**apresentará uma lista de grandiosas produções  
a distribuir nesta temporada**



*O autor destas linhas já viu "O Pecado de Madelon Claudet". E garante que esta fita da "M-G-M", em que a grande actriz Helen Hayes tem uma das melhores interpretações que temos visto em cinema, vai encantar todo o publico — e humedecer-lhe os olhos!... Venham as interpretações que vierem! Se no fim da época nos perguntarem qual a melhor interpretação desta temporada, não hesitaremos: Helen Hayes em "O Pecado de Madelon Claudet". Porque não é possível excedê-la.*

## O Cantinho dum Cinéfilo

**P**ara onde vamos? Aonde nos conduz a deliberação tomada recentemente por alguns exibidores, com a cumplicidade evidente dos distribuidores?

Refiro-me ao facto de os cinemas de reexibição terem adoptado a política do duplo-programa, havendo até um cinema de Lisboa que apresenta ao público três grandes filmes, sem pensarem, nem eles nem os alugadores, que as exigências dos seus frequentadores, saciadas agora aparentemente com essa super-abundância, não tardarão a apresentar-se de guelias escancaradas, esfomeadas, prontas a devorar novas e maiores facilidades e satisfações com que pretendam amenizar-lhe o apetite voraz.

Se é um erro, para os cinemas de reexibição, o hábito de programar duas grandes películas num só espectáculo, de maior gravidade é a falta se aos cinemas de estreia tem de ser imputada. Incorre-se em culpa, se se supõe que a quantidade de metros de celuloide impresso apresentada ao público, constituida, na sua quasi totalidade, por dois filmes de grande tamanho, tem influência de vulto sobre o espectador. Também nessa falta incorreram muitos exibidores americanos — mas logo arreplaram caminho. Já lá vai o tempo em que o cinema era um espectáculo de ordinária categoria, e em que aqueles que o frequentavam preferiam a sala que, em vez de 16 ou 17 números (era numerada, cada parte apresentada), lhe dessem 20 ou 21, sem contar com a «sinfonia»...

Hoje, mais do que nunca, é a qualidade que faz moessa no público. Pouco, mas bom. A crise que o Cinema tem atravessado em todo o mundo, se tem tido parte de suas causas na crise geral económica que a todos tem apoucado, é na inferioridade física dos seus produtos dos primeiros tempos do sonoro que tem tido as principais razões das dificuldades que tem sofrido. Dizem-no os que tem estudado tais maleitas, e, tanto assim, que a medicina que aconselharam foi a de que se produzisse menos e melhor. Pelo menos, é o que a América vem fazendo desde há algum tempo, e rezam as estatísticas que as receitas vão melhorando, que os records de bilheteira vão caindo, que o público vai mostrando-se agora cada vez mais interessado, depois que começaram a cuidar carinhosa-

mente da qualidade dos filmes que lhe vão apresentando, em detrimento da quantidade.

O programa-duplo, o que inclui duas grandes fitas, não pode, não deve trazer vantagens para quem quer que seja. Já no tempo do silencio — e a maior parte das vezes não faltava razão ao grande juiz! — o público não acreditava que fossem boas, ambas, as fitas que formavam o programa. Sempre uma tinha que ceder o lugar a outra, sempre esta tinha que ser considerada fita de fundo, inferiorizando a que ia em abertura do programa, e que o público sempre olhava com pouca simpatia ou atenção, porque todo o interesse estava guardado para a fita que constituía o prato de resistência — muitas vezes bem fraca resistência...

De modo que, mesmo que possível fosse a um cinema de estrela apresentar duas fitas de categoria num só programa — o que, na realidade e, aqui entre nós, só uma vez ou outra poderia acontecer — o público não acreditaria. Que sejam bons, escolhidos, seleccionados, os filmes curtos que se apresentam a servir de complemento de programa a fitas como «Titans do Céu», como «Allô, Paris...», como «Shangai Express», está bem, e ninguém duvidará dessas possibilidades. Mas pretender apresentar num só programa duas dessas fitas de categoria, é inferiorizá-las a ambas, é fazer o público descrever de tal pretensa qualidade, é, finalmente, preparar a ruína dos cinemas de estreia.

Porque a adopção de tal medida, se generalizada fosse, obrigaría necessariamente a uma intensificação de produção, e lá viria a quantidade a sobrepôr-se à qualidade, lá desapareceria o cuidado e a meticulosidade que já se vai observando nas fitas mais recentes, e aí tínhamos nós o público, que, entre nós, só agora, nesta temporada, pode compenetrar-se da melhoria da produção fonofilmica, a debandar outra vez, enjoado de cinema, porque o obrigaríam a ingerir muitos filmes mal cozinhados, em vez de lhe darem comida menos abundante, mas suficiente e bem temperada.

O público não acredita em milagres.

Além disso, ver dois maus filmes, é bem peor do que ver um só.

## Estrelas de ontem e estrelas de hoje

Antes de entrarmos no assunto, convém explicar a significação exacta que na América do Norte tem a palavra «star».

Não é «estrela» ou «astro» todo o grande artista do cinema. Esta denominação reserva-se para a actriz ou actor cujas possibilidades artísticas permitem que os empresários ou realizadores deixem a seu cargo todo o atractivo do filme. Greta Garbo, por exemplo, é uma «estrela». Em quantas películas a temos visto actuar rodeada de artistas de segunda ordem e sendo o seu nome o único atractivo do filme? Não têm conta. Em troca, Lionel Barrymore, tam extraordinário no seu trabalho, não é um «astro», pois nega-se a actuar como tal, preferindo desempenhar um segundo papel que seja do seu agrado, a encarar sistematicamente o de protagonista.

Aclarada já a significação da pala-

para o fim Greta Garbo porque, embora continui sendo a «estrela» das «estrelas», a sua actuação nos estúdios da «M-G-M» não pôde considerar-se absolutamente assegurada. A nova formada é constituída por Clark Gable, o galã viril, de multiplas faculdades, cujo tipo e simpatia pessoal, que nele constituem duas qualidades bem definidas, são apenas uma pequena parte dos seus enormes méritos. Outra «estrela» nova — parece um paradoxo por se tratar de uma artista veterana — é Marie Dressler. A genial característica alcançou esse posto invejável que lhe permite ser a única atracção entre a distribuição dum filme. Também figura na lista o pequeno Jackie Cooper, inimitável intérprete de «Skippy», aquele filme todo terrura que nos proporcionou uma hora de deleite artistico inolvidável.

Vejamus agora a «Fox». No antigo

Harlow, grande temperamento artistico, que parece ter passado para a «Metro».

A «R. K. O.» e a «Pathe», ao fusio-narem-se, reuniram as seguintes glórias já antigas: Pola Negri, Dolores del Rio, Ann Harding, Constance Bennett e Richard Dix. Dêstes é possível que algum nome tenha de ser excluído antes de finda a temporada, pois nem a veterana Pola Negri nem Dolores del Rio costumam manter-se por muito tempo nos seus postos. Também não podemos citar muitos nomes de novas «estrelas». Várias despontam no quadro desta casa, mas até agora só conseguiram brilhar francamente Irene Dunne e a característica Edna May Oliver.

Citaremos dois nomes da «Universal». O famoso Tom Mix entre os veteranos, e Lew Ayres, galã da nova formada que conseguiu um êxito formidável na América do Norte.

Bebe Daniels, Richard Barthelmess, Dorothy Mackaill e William Powell são os nomes mais conhecidos do grupo de veteranos da «First National». Mas por desgraça todos estão ameaçados de se eclipsarem. Em troca, na nova lista há valores sólidos que constituem para a empresa justificada esperança. Fairbanks Junior é, neste grupo, o que mais se destaca. O filho do veterano Douglas é um actor de grande talento, cujo caminho para a glória ficou traçado desde as suas primeiras actuações. Outro «astro» de mérito é Edmund G. Robinson, admirável sob todos os pontos de vista. E é justo que não esqueçamos Joan Blondell, que tem o mérito de haver alcançado o maior triunfo na América, sem ter nada de extraordinário no rosto nem na aparência.

Finalmente, referimo nos à «Columbia». Esta conta com dois grandes valores: Barbara Stanwick e Jack Holt, que marcham lado a lado, firmes no seu posto, este último como «astro» veterano.

Eis uma parte das constelações de Hollywood. Até quando? E' o que ninguém pode prever, pois depende mais do que valor dos diferentes artistas, do gosto do público, que está constantemente a mudar de posição, como a Terra em relação ao firmamento real.

J. B. VALERO.

### Lew Ayres com a «Fox»

Lew Ayres, célebre depois da interpretação de «A Oeste Nada de Novo», acaba de ser contratado pela «Fox», para um dos papéis de «State Fair», cujo elenco já compreende Janet Gaynor, Will Rogers, Sally Eilers, Norman Forster, Spencer Tracy e Louise Dresser.



Um aspecto da bicha nas bilheteiras do cinema «Astor», de Nova-York, num dos dias em que se exhibia «Uma Alma Livre», da «M-G-M»

vra «star», voltemos ao caminho que nos traça o titulo destas linhas.

O cinema falado, como era de esperar, operou importantes alterações no firmamento cinematográfico. Algumas «estrelas» do cinema mudo têm conseguido afrontar o temporal, mas outras foram forçadas a deixar livre o caminho à juventude que esperava vez e que aproveitou a conjuntura da revolução microfónica para se introduzir nos estúdios.

A «M-G-M» é a companhia que mais «estrelas» tem no seu activo este ano. A lista das antigas — uma antiguidade muito relativa — é formada por Ramon Novarro, Norma Shearer — tam «estrela» hoje como sempre —, John Barrymore, Marion Davies, Joan Crawford, John Gilbert, Buster Keaton, William Haynes e Wallace Beery. Deixamos

elenco desta companhia continua brilhando o casal Gaynor-Farrell, insuperável como sempre. Will Rogers, o grande actor, e Warner Baxter, o galã romântico. Entre as novas «estrelas» destaca-se Elissa Landi, majestosa e senhoril, inimitável na elegância e actriz de uma espiritualidade penetrante. Seguem-se Joan Bennett e o par James Dunn-Sally Eilers, rival de Gaynor-Farrell, que se consagrou em «Marido e Mulher».

Mary Pickford, Chaplin, Fairbanks, Ronald Colman e Gloria Swanson continuam a formar a antiga lista de «estrelas» da «United». Este ano, porém, juntou-se-lhes Al Jolson.

Na lista dos novos temos Ina Claire, «estrela» de grande porvir e de real mérito; Eddie Cantor, que possui o segredo dos grandes êxitos, e Jean

## Caprichos e predilecções das "vedetas"

Gostarias, leitor amigo, de poder gastar dinheiro a rodos, como as «estrelas»?

Não careço da resposta. Esta está de antemão dada. Todos vós teríeis grande prazer em gastar o que vos apetecesse, sem que vos fizesse falta. Entretanto, esqueci a crise que atravessa o mundo antes de continuardes a leitura destas linhas, pois é natural que se assim não fizesseis a vossa simpatia pelas «estrelas» de Hollywood decaísse um pouco.

Todos nós gostamos de umas coisas mais do que de outras, e geralmente sentimos paixão por determinada «loucura» que quasi sempre está acima das nossas posses. O mesmo sucede com as «estrelas» de Hollywood, com a única diferença de que todas ou quasi todas podem, não só satisfazer os seus mais insignificantes caprichos, mas ainda os dos outros.

Dorothy Mackaill é um exemplo marcante da rapariga que sente uma paixão sem limites pela roupa interior de seda animal, com rendas e demais adornos que costumam acompanhar estas peças íntimas da toilette feminina. Mas o seu capricho vai mais além do que se poderia supor, pois cada temporada escolhe uma cor, e por nada deste mundo varia. No verão passado escolheu o rosa. Rosa forte, médio, pálido, mas sempre rosa. Este inverno resolveu substituir o rosa pelo lilás. E para o proximo verão escolherá o amarelo, o vermelho ou o azul. Porque? Quem tiver muita curiosidade que lho pinte.

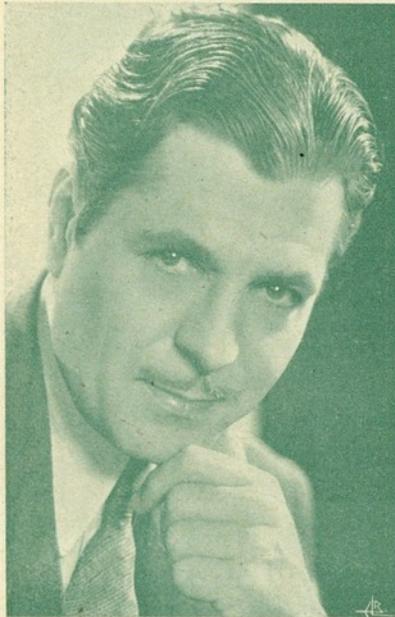
Norma Shearer também tem paixão pelas roupas interiores finas e de boa qualidade. A tal ponto que os seus presentes às amigas se compõem sempre de um precioso jôgo destas peças íntimas. Também lhe agradam imensamente os perfumes, chegando a ter na sua residência uma autêntica moitra com frascos ainda intactos... Muitos deles são presentes de admiradores, mas outros, não menos, ela própria os adquire. E o mais interessante é que não abre um frasco enquanto lhe reste uma única gota no que se encontra em uso.

Joan Crawford é outra apaixonada pela roupa interior, mas gosta dela sem adornos, o mais simples possível, pois não quer que se percebam os enfeites quando veste um traje cingido. E é sabido que Joan Crawford gosta — e eu dou-lhe toda a razão — de trazer trajes muito justos, que moldem bem as suas fôrmas de venus atraente e sugestiva.

Joan tem por hábito comprar duas dúzias de calças de malha de cada vez. E para que não façam rugas, prefere-as muito mais pequenas do que a sua medida. O único inconveniente das calças assim justas é a facilidade com que fogem as malhas, e escusado será dizer que Joan não tem por hábito vestir qualquer peça de roupa que tenha le-

vado pontos. Estou perfeitamente de acôrdo com os «gostos cingidos» da encantadora artista, embora reconheça que se todas as mulheres os partilhassem se multiplicariam os desastres nas ruas. Pelo que me diz respeito, ver uma mulher formosa com trajes muito cingidos e não muito compridos tem sempre conseqüências fatais. Choco-me com os postes, com os candieiros, ou escorrega-me o pé do passeio abaixo, forçando-me a um movimento brusco, muito pouco estético. E até uma vez, mercê da distração, levei com o chifre de um boi na face e estendi-me na valleta, com grande gaudío da «minha contemplada», que riu a bom rir.

Mas deixemos esta triste história e voltemos ao assunto.



Warner Baxter, o «apreciado galã de "O Papá das Pernas Altas"», é uma das estrelas da "Fox". Tem um magnífico desempenho em "Espôsas de Médicos", que veremos esta temporada com a encantadora Joan Bennett.

Madge Evans e Rusell Gleason fazem colecção de elefantes. Mas não julgue o leitor que são autênticos. Não. Trata-se de elefantes de marfim, de pedra, de massa e de madeira. Madge tem-nos até de algodão e de pano, mas sempre de tromba caída, pois considera de mau agouro um elefante com a tromba voltada para o ar.

Elissa Landi gasta muitos e muitos dolares em pijamas, e creio que esta mania é partilhada por inúmeras das suas colegas. Mary Brian, Ruth Chatterton, Maria Alba, Tallulah Bankhead, Adienne Ames, Juliette Compton, Eleanor Bordman, Anita Page e Jean

Harlow, entre outras, capricham no sortido de pijamas.

Charles Rogers e Mae Madison colecionam esqueletos e caveiras. A colecção de Charles é muito superior à de Mae, mas esta em troca tem o esqueleto de um animal raro, que Charles não pôde conseguir.

Lila Lee tem o mais original de todos os caprichos: Não sendo uma grande cozinheira, nem nada que se pareça, tem paixão pelos apetrechos de cozinha. A da sua casa é a melhor provida, e quando se aborrece de qualquer coisa, põe-na de parte e compra outra.

O pencedo Jimmie Durante entusiasma-se com as camisas de cores berrantes e, de preferência, raiadas.

Charles Farrell faz-lhe uma concorrência relativa, pois, embora use camisas de cores lisas, tem uma colecção formidável de gravatas que apresentam a policromia do arco-iris.

John Boles tem gostos discretos. Acha de pouquíssima elegância as coisas berrantes, a que chama escandalosas. As suas camisas são geralmente brancas, as suas gravatas severas, e se apresentam raios de diversas cores, estas têm de ser sobrias e austeras.

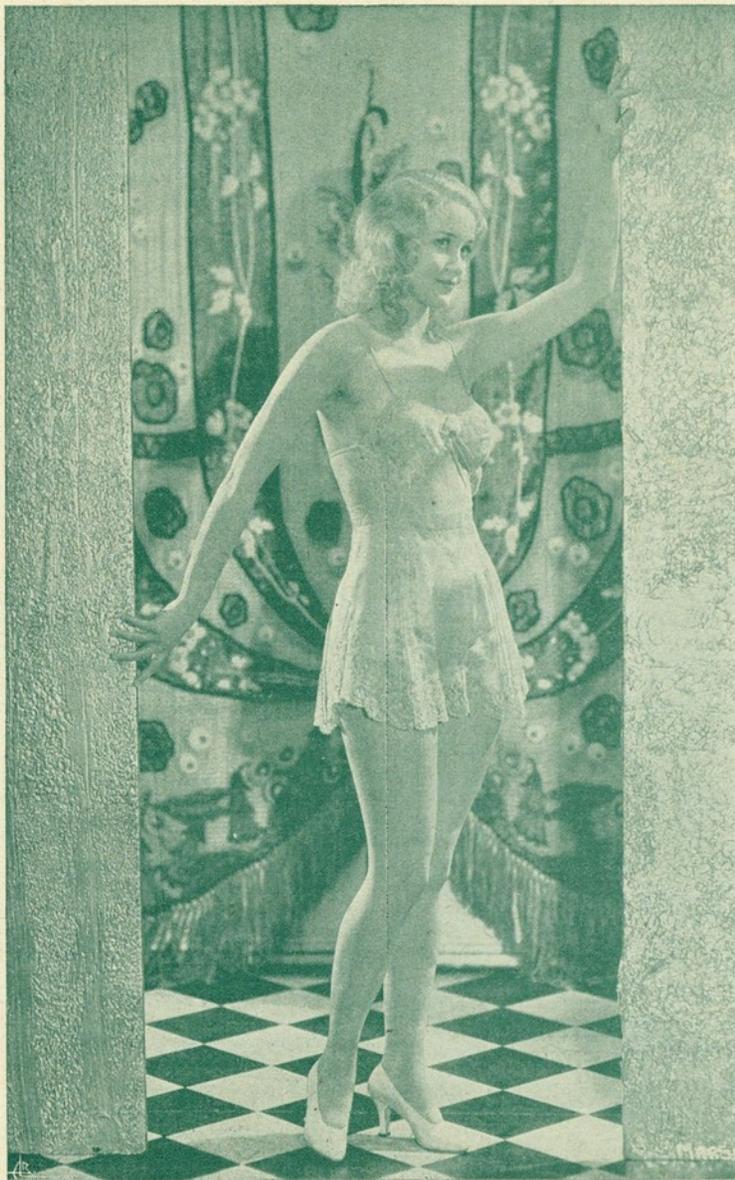
Emquanto que Robert Montgomery e George O'Brien se disputam a honra de possuir a maior colecção de «sweaters» de toda Hollywood. Clarke Gable faz-lhes forte competência sem dispendio, pois recebeu mais de quarenta que lhe foram oferecidos pelos seus múltiplos admiradores.

Lupe Velez dedica-se aos brilhantes e aos casacos de peles, embora tenha confessado há pouco que «já está farta de tanto luxo e de tantas loucuras».

Ann Harding compra cabeleiras raras. Adquiriu esta mania quando se divorciou de Harry Bannister. Como o seu divórcio foi um dos mais retumbantes de Hollywood, Ann procurou desaparecer da vista do público durante os primeiros meses que se seguiram, mas, a-pesar-de tudo sempre foi reconhecida por algumas pessoas. Vendo que as cabeleiras não davam resultado, optou por imitar Greta Garbo e não sair de casa senão para ir ao estúdio.

Kay Francis colecciona livros, mas só «primeira edição». Helen Mack acompanha-a nesta predilecção. Lew Ayres entusiasma-se com tudo o que qualquer vendedor lhe queira impingir, o mesmo sucedendo a Muriel Evans, a linda artista que a «M-G-M» há pouco contratou.

Ben Lyon entende que deve pagar verdadeiras barbaridades por o «melhor do melhor», e para o demonstrar comprou há pouco um magnífico Rolls Royce. Quando o criticam por tal facto, costuma responder: «Não é uma extravagância, nem nada que se pareça, pois não terei de comprar outro carro nos dias que me restam de vida, por muito longa que esta seja. Aqui toda a gente tem por hábito mudar de auto-



*Uma cinéfila que veio cá a casa, garantiu-nos que, se publicasse-mos este retrato da Marion Marsh, uma beldade que trabalha para a "Warner Brothers", as leitoras ficariam muito agradecidas porque este novo modelo de combinação-calça vai interessar-lhes muito. Nós fazemos-lhe a vontade, mas convencidos de que os agradecidos vão ser os leitores!...*

## O primeiro dia de trabalho no cinema

por Laurita Correia

Cuidadosamente escovados, o cabelo bem penteado e os sapatos brilhando como espelhos, os candidatos a qualquer emprego aparecem no primeiro dia de trabalho um tanto nervosos e preocupados, com o desejo de produzirem boa impressão no espírito dos seus chefes. Mas quando o primeiro dia de trabalho os força a enfrentar a máquina cinematográfica, a excitação nervosa é o bastante para transtornar, mesmo os mais calmos e senhores de si.

Muitos luminares da colônia cinematográfica divertem-se com as reminiscências da sua estreia no cinema, que para alguns foi muito engraçada e para outros semi-trágica, devido às circunstâncias que acompanharam os seus primeiros esforços para descerrar as asas no novo ambiente.

Um dos mais difíceis «primeiros dias» no cinema foi o de Johnny Weismuller, que passou das piscinas de natação ao papel de protagonista em «Tarzan». Este papel requeria que Johnny se balançasse entre duas árvores, a uma altura de quase vinte e cinco metros do solo. Depois disto teve de se deitar no chão enquanto que um enorme elefante ajoelhava junto dele e o levantava com a tromba e os colmillos. Na seguinte cena teve de se defrontar com um leão, enquanto que os operadores filmavam a cena protegidos dentro duma jaula de aço!

Marion Davies estava a passar alguns dias de férias numa praia, com um grupo de coristas, quando um certo empreendedor de novidades internacionais resolveu filmar uma cena na praia, com todas as coristas. As jovens agruparam-se à beira do mar, com Miss Davies, a mais alegre e entusiasta de todas. O «cameraman» gritou-lhes que corressesem em direcção da «camera». Justamente quando chegavam perto da lente focalizada, Marion escoregou, enterrando o rosto na areia. Vinte minutos foram necessários para que limpasse o rosto e renovasse a maquilhagem, a-fim de continuar a cena.

Joan Crawford interpretou um dos seus primeiros e mais insignificantes

móvel todos os anos, mas este costume fica caríssimo em virtude das fortes somas que de cada vez se perdem. Convém ainda acrescentar que nem sempre se é feliz com o carro que se compra». É possível que o rapaz tenha razão. São poucas as «estrelas» de Hollywood que possuem Rolls, mas entre essas poucas contam-se Marion Davies e Norma Shearer.

Jogos de salão de tôdas as espécies

constituem o capricho de Lew Cody, Harold Lloyd e Neil Hamilton. Os três entusiasma-se com um quebra-cabeça como se fossem crianças, e conhecem perfeitamente todos os jogos infantis.

Brinquedos, e não jogos, constituem a paixão de Buster Keaton. Sempre que passa por uma montra e os seus olhos contemplam um brinquedo original, o nosso homem entra pela primeira porta que encontra e quando sai

já o brinquedo em questão tem desaparecido da vitrina. Buster jura e torna a jurar que os adquire para os pequenos, mas o certo é que os filhos nunca chegam a vê-los, pois Buster «esquece-se deles no seu camarim». E enquanto que Marion Davies não vai roubar-lhos para os ofertar aos petizes do seu asilo, ali se conservam para deleite do simpático comediante.

(Continua no próximo número.)

papeis como corista, numa produção intitulada «Pretty Ladies», na qual tinha que segurar de um lado um enorme candelabro num grupo que dava reviravoltas em frente à máquina cinematográfica. Joan jamais se esquece da dor de costas que sentiu depois desta façanha que exigia forças muito superiores às suas.

Norma Shearer obteve uma oportunidade de representar um papel insígnificante num estúdio de segunda categoria, graças ao seu trabalho como modelo de anúncios em Nova York. O filme foi intitulado «The Stealers». Quando Norma entrou no cenário, encontrou-se com o grande D. W. Griffith, que lhe aconselhou que não tentasse seguir a carreira cinematográfica, porque não tinha aptidões para o cinema!

Certo porteiro consciencioso fez William Haines passar algumas horas amargas no próprio dia da sua chegada aos estúdios. Haines tentou convencê-lo de que era o «astro» mais recente que aparecia no horizonte cinematográfico, mas sem muito êxito. O porteiro não se deixou convencer. Finalmente, o director de elencos, passando pelo portão, viu Haines do lado de fóra das grades, e fe-lo entrar, dando-lhe o primeiro papel em «Three Wise Fools».

Clark Gable passou todo o primeiro dia da sua iniciação em frente à «camera», montado num cavalo arisco e correndo de cima para baixo e de baixo para cima numa colina íngreme. O nome da produção era «The Painted Desert», e o interessante é que Clark Gable nunca montara um cavalo!

Emquanto tentava conseguir trabalho numa peça teatral em Nova York, ofereceram a Wallace Beery um pequeno papel de polícia em determinado filme que estava sendo produzido por um pequeno estúdio. Wally pediu emprestados quinze centavos para pagar a passagem de eléctrico, e quando chegou ao cenário, que era ao ar livre, desabou uma carga de água que durou o dia inteiro, impedindo-o de trabalhar!

Karen Morley foi ouvida e não vista no seu primeiro dia de trabalho nos estúdios cinematográficos. Tinha sido chamada para ler o diálogo fóra da cena, durante os ensaios para o filme «Inspiration», um dos grandes êxitos de Greta Garbo. Depois de ouvir o vibrante timbre da sua voz durante várias cenas, o director Clarence Brown fe-la chamar atrás dos cenários para ver se o seu aspecto correspondia com a dição. Sendo a impressão favorável, o director fez que tirassem uma prova cinematográfica de Karen, o que lhe valeu um contrato com a «Metro-Goldwyn-Mayer».

### Nesta semana fazem anos:

19 a 25 de Novembro

Novembro 19 — Thelma Parr (26).



*Arline Judge, um novo elemento — e que bellissimo elemento! — da «Radio», mostra-se-nos como um motivo de decoração para candieiros up-to-date. Não nos desagrada a ideia, e vamos mandar vir um cá para a redacção. Ha por aqui uma falta de luz!...*

Novembro 20 — Marion Nixon (28).  
 20 — Evelyn Brent.  
 20 — Charles Chase.  
 21 — Lloyd Hughes (35).  
 22 — Constance Bennett (27).  
 22 — James Hall (32).  
 22 — Mitzi Green.  
 23 — Sally O'neil (24).  
 23 — Lilyan Tashman (33).  
 24 — Tom Santschi (52).  
 24 — Alice Calhoun.  
 25 — Polly Ann Young (24).

### «Era Uma Vez Uma Valsa», em inglês

A casa «British Lion Film Corp», terminou há pouco a versão inglesa de «Era uma vez uma valsa», a qual será exibida na Inglaterra com o título «Where is this lady?» («Onde está esta rapariga?»). Dos artistas que vimos na versão alemã, apenas Marta Eggerth faz também a protagonista da versão inglesa. Os outros são: Owen Nares, no papel de Rolf von Goth, e George K. Arthur no de Ernst Verebes.

# “UMA ALMA LIVRE”

Direção de Clarence Brown.  
Programa «Metro-Goldwyn-Mayer»

## PRINCIPAIS INTERPRETES

Jane Ashe..... Norma Shearer  
Dwight Winthrop..... Leslie Howard  
Stephen Ashe..... Lionel Barrymore  
Ace Wilfong..... Clark Gable  
Eddie..... James Glaason  
Grandma Ashe..... Lucy Beaumont

## ARGUMENTO

A multidão comprimia-se na sala de audiências. Não obstante, o crime era banal. O acusado confessava ter assassinado Ace Wilfong por causa de uma dívida de jogo.

A explicação parecia demasiado simples. Além disso, o homem que estava a ser julgado era conhecido de todos. Era Dwight Winthrop, o campeão de polo. Sabiam-no de uma lealdade e probidade absolutas. Todo o seu passado parecia um desmentido ao crime crapuloso que o levava ao tribunal.

Dwight era jovem e simpático. Esta circunstância despertava suspeitas. Não haveria, no final de contas, uma história de amor em tudo aquilo? E esperavam, ansiosamente, que qualquer incidente levantado pelos interrogatórios viesse modificar a face das coisas.

O requisitório foi impiedoso. O Delegado do Ministério Público era hábil, e o acusado não fornecera o mais insignificante argumento que auxiliasse a defesa. Não obstante, e a despeito da sua violência, a acta de acusação não parecia convencer os jurados. Estes também esperavam...

Foi concedida a palavra à defesa. Mas logo que o advogado começou a falar, vieram anunciar que o sr. Ashe estava presente, e que pedia para ser ouvido.

Um sussurro atravessou a imensa sala da audiência. Parecia que toda a gente ali reunida se sentia súbitamente atravessada por uma vaga esperança. Ashe seria o portador da verdade que todos adivinhavam ainda oculta? Só Winthrop empalideceu e o seu rosto juvenil pareceu perturbado. Ele, que não estremeceu quando o delegado havia pedido a pena capital, que poderia reinar agora? Haveria alguma coisa que lhe parecesse pior do que a morte?

Ashe era muito conhecido pelos seus famosos processos e pela forma absolutamente pessoal que tinha de encaminhar as coisas.

Norma Shearer e Leslie Howard em “Uma Alma Livre”, um filme do “Ano Metro”, falado em francês, com Lionel Barrymore e Clark Gable.

Os seus colegas não o encaravam bem. Tratavam-no de comediante e de saltimbanco, porque empregava, nos seus discursos, um tom lírico, que de repente passava a familiar, e fazia das peças do processo um uso inesperado que destoava da pompa austera do tribunal.

Ashe tinha também um grande defeito que muito contribuía para o desacreditar no conceito dos seus companheiros. Bebia terrivelmente, nunca se apresentando no tribunal sem ter ingerido uma forte dose de álcool, e vivia de um modo independente que a burguesia conformista não podia perdoar.

Não obstante, quando o senhor Ashe se aproximou da grade, houve a sensação de que qualquer coisa de extraordinário ia passar-se. Travaram-se os primeiros encontros oratórios, curtos mas serrados, entre o recém-vindo e o Delegado do Ministério Público, que pressentia maiores dificuldades em ganhar a partida. O presidente do tribunal permitiu a Ashe que secundasse o advogado de defesa.

— Há uma testemunha importante que não foi ainda ouvida, — declarou ele.

Que testemunha ia invocar? Sem dúvida o mais inesperado e o mais concludente. Um novo murmúrio passou entre a multidão. Mas o senhor Ashe não apresentava a segurança desafiadora que lhe era peculiar. Parecia desorientado e estava tam pálido como o acusado.

— Bebeu excessivamente, — pensavam.

— Peço que façam entrar Jane Ashe, — exclamou ele com uma voz sem expressão, mas firme.

Lionel Barrymore e Norma Shearer, em “Uma Alma Livre”



Ela entrou. Era frágil, muito delicada no seu vestido preto. Um perfil marcado e puro, belos olhos gris dos quais se desprendia um olhar franco, que deviam, nos últimos dias, ter chorado muito. Vinte a vinte e três anos. Uma elegância sobria, natural. O seu primeiro olhar foi para o pai, o segundo para o acusado, que se debruçara, com a fronte apoiada nas mãos. Parecia alheada do resto da sala e dos murmúrios que agitavam todos os lábios.

Veio sentar-se, direita e altiva, na cadeira das testemunhas. E o interrogatório, o impiedoso e terrível interrogatório começou:

— Jane Ashe, — disse-lhe o pai, — é verdade o acusado ter-se apaixonado por si e estar para ser o seu marido?

— Sim.

— É verdade a senhora ter-se relacionado, há meses, com um indivíduo chamado Ace Wilfong, «gangster» e dono de uma casa de jogo?

— A vítima não é o acusado, — interrompeu o Delegado.

— Defendi Wilfong neste tribunal, quando respondeu por um assassinato de que estava inocente, — redarguiu Ashe —. Salvei-o, mas sei bem o que valia este homem.

E voltando-se de novo para a testemunha:

— É verdade ter sido seu pai que ocasionou o seu encontro com Wilfong?

— É verdade.

— E... e... a senhora foi amante de Wilfong?

Ela estava pálida como uma morta, mas confessou.

— Quando seu pai a encontrou,

a meio da noite, em casa de Wilfong, e compreendeu o que tinha feito de si, estava em condições de a defender, ou encontrava-se completamente ebrio?

— Estava ebrio.

— A senhora não tentou fugir a Wilfong, e não partiu com seu pai para longe, ambos na intenção de se curarem; a senhora do seu indigno amor, e ele da sua ignobil paixão?

— Sim, estivemos ausentes durante mais de três meses.

— E, de regresso, seu pai abandonou-a. Não estava curado. A senhora também não. E só, sem outro amigo além do acusado, de quem a senhora se não sentia paixão, voltou a Wilfong. Que se passou depois?

— Quis desposar-me, mas conduziu-se de tal modo que eu compreendi que sob o seu verniz de elegante insolência se ocultava um miserável.

— Mas precisou de muito tempo para se convencer disso, — chasqueou o Delegado. — A senhora estava aborrecida dele, ele não estava farto de si, eis tudo.

— Wilfong não a ameaçou em presença do acusado? — continuou Ashe.

— Sim. Eu queria pôr termo às nossas relações. Ele veio a minha casa, tentando forçar-me a segui-lo. Winthrop entrou, e Wilfong, furioso, exclamou: «O senhor quer desposar-la. Previno-o, porém, de que ela me pertence. Se chegarem a unir-se, direi em toda a parte que ela foi minha amante durante três meses. Além disso, não lhes darei tempo para começarem a viagem de núpcias.»

— Que respondeu o acusado?

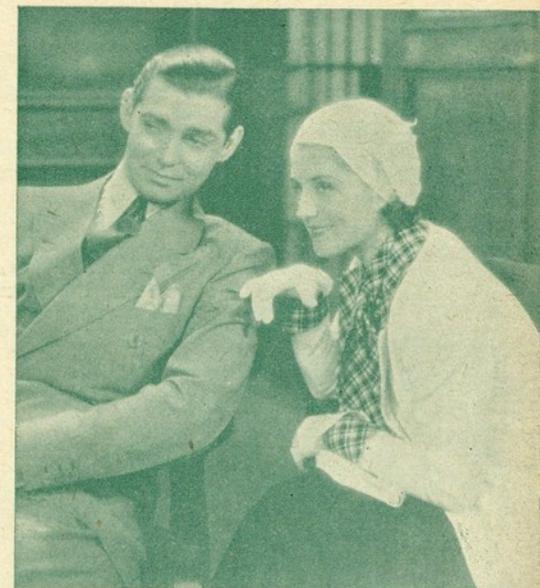
— Nada. Logo que Wilfong partiu, levou-me para junto de minha avó, que acabava de falecer, e pediu-me que tivesse confiança nele.

— Isto passou-se na véspera do crime.

Ashe voltou-se para os jurados. — Meus senhores, — acabam de ver o drama iluminado pela verdadeira luz. O acusado amava Jane Ashe. Não desconhecia nenhum dos seus erros. Mas perdoava-lhe, porque sabia que esta criança nunca tivera mãe, que fora criada por seu pai, e que este não soubera cumprir a sua ardua tarefa de educador. Em vez de a defender dos perigos que cercam uma donzela, o pai dizia-lhe: «Faze o que

(Continua na página 15).

Norma Shearer e Clark Gable em “Uma Alma Livre”, um filme do “Ano Metro”, falado em francês, com Lionel Barrymore e Leslie Howard.



# Pelos nossos Cinemas

AS AVENTURAS DE BUFFALO BILL (Battling With Buffalo Bill): — Uma amostra do que antigamente e



erradamente se chamava «fitas americanas».

Aventuras, no interior americano, de uma colónia de pesquisadores de ouro: perseguições, emboscadas, correrias, lutas com os índios, e mais lutas com os índios, mais perseguições, mais correrias, mais emboscadas — tudo sob os auspícios de um «deus ex machina», o valente Buffalo Bill e temperado com um fiozinho de amor.

Um filme que agradará aos apreciadores do género, e mais agradaria ainda, se o interesse a certa altura não começasse a ser prejudicado pela repetição das situações e pelo comprimento da película, que além de Tom Tyler, inclui vários artistas da velha guarda, especialistas do género de aventuras, entre os quais Francis Ford, William Desmond, etc. que fazem as delícias dos apreciadores de tais produções.

Realizador: Ray Taylor. Principais intérpretes: Tom Tyler, Lucile Browne, Williams Desmond, Rex Bell, Francis Ford, George Rega, Yalsima Canutt, Bud Osbourne, Joe Bonomo, O índio Thunderbird Jia Thorp.

Produzido pela «Universol». Programa Castelo Lopes, da. Estreada no «Batalha» em 8 Novembro 1932.

«CAMPINOS DO RIBATEJO»: — Em plena idade sonora, um filme mudo é uma coisa arrojada, que carece de qualidades especiais para ser bem recebida. O filme de António Luís Lopes tem uma, que não é própria-

mente cinematográfica, mas que na circunstância, contou: — o ser português.

Há muito que a crítica aos filmes portugueses vem sendo feita com a benevolência que a sua qualidade de ensaios, de experiências, autoriza. Quando se passará das experiências para as obras? Em todo o caso ainda não foi desta. «Campinos do Ribatejo» não é um progresso no cinema nacional, pelo contrário. A fotografia dá-nos, às vezes, em vez de caras, umas manchas escuras em que só destaca a brancura dos dentes; a montagem é tal que a acção se desenrola um tanto embrulhadamente, sem que as sucessivas cenas nos deem a noção clara do decorrer do tempo. E, pois, um filme, cinegráficamente falando, inferior.

A contrabalançar de certo modo estes senões, há a interpretação que é, senão brilhante, pelo menos equilibrada e correcta, e isto da parte de todos.

António Luís Lopes agradou-me muito mais neste papel de campino, do que no «Marialva» da Severa. O pequeno Rafael Luís Lopes muito interessante e expressivo. Os programas, que trazem o seu nome em letras gordas, parecem querer atribuir-lhe as honras da interpretação, e eu não estou muito longe de concordar com os programas. Maria Helena, uma ingénua um pouco gorda, mas bonita. Quanto a fotogenia, as deficiências fotográficas a que me referi. Maria Lalande não deixava que pudesse ser observada, disfarça honestamente a sua gentileza e vivacidade num tipo de aldeã algo bacôca. E Dina Vilhena, a *Wamp*, e o ferrador amigo do maioral, todos compuseram um conjunto que se não se destaca grandemente, também não merece censura.

O interesse do assunto, que tem a dupla qualidade de ser nacional e desconhecido para a quasi totalidade do público do norte, mostrando-nos as



lezirias ribatejanas, a vida dos campinos e dos seus ferozes súbditos compensa, de certo modo, a inferioridade cinemática do filme.

Autor, realizador e distribuidor: António Luís Lopes. Intérpretes: Maria Helena, Maria Lalande, Dina Vilhena, António Luís Lopes,

Gil Ferreira, Rafael Alves, Albano Negrão, Francisco de Sêves, Tomaz de Sousa, Carlos Abreu, António Manoel Lopes e José Silva.

Estreada no «Salão Olimpia» em 9 Novembro 1932.

M A R I A I L D A

UM HOMEM DE NEGOCIOS (Reaching For The Moon): — Douglas Fairbanks foi um dos grandes ídolos do público, que delirava com as suas habilidades desportivas em «O Sinal do Zorro», em «Rubin dos Bosques», com as suas aventuras em «O Pirata Negro» ou «O Homem de Ferro». E até para os espectadores já de certo modo cinéfilos — e não são decorridos ainda muitos anos — Douglas Fairbanks interessou sobremaneira pela apresentação do seu filme «O Ladrão da Bagdad», uma fita que me entusiasmou, e da qual, por sobre o resto, não posso esquecer nunca o maravilhoso trabalho fotográfico.

Mas Douglas Fairbanks, nessa altura, era exigente. Cada um dos seus filmes era um espectáculo grandioso, raro, de inusitada feitura. Nos últimos anos, porém, cansado talvez de tanto esforço — e cheinho, naturalmente, de tantos dollars!... — Douglas parece ter esmorecido, privando as suas mais recentes películas da categoria de super-produção que as anteriores ostentavam, bem merecidamente.

«Um Homem de Negócios», como «A Fera Amansada», não corresponde àquilo a que Douglas Fairbanks nos habituou. Faltava-lhe a riqueza de todo o ambiente em que sempre assentava os seus filmes, faltam-lhe até as novidades — a maior parte das vezes truques da mais perfeita execução — que algumas delas nos apresentavam.

A despeito, porém, dessa inferioridade relativa — e é preciso notar que o atrazo com que o filme é exibido, sobretudo no que a técnica de cenarização diz respeito, o desvaloriza, porque o diálogo toma parte capital na condução do entretcho — «Um Homem de Negócios» nem por isso se vê com aborrecimento. Sempre, no fim de contas, é um filme de Douglas Fairbanks, e como os anos parecem não passar sobre ele, o nosso herói salta, luta, corre, e, com a ajuda de Edward Everett Horton, que é um grande actor e de Claud Allister, que também não é mau, dá-nos algumas cenas de grande efeito cómico, das quais a sequência dos *cocktails* é de contagiosa hilaridade.

Bebe Daniels, que já não víamos há muito tempo, aparece-nos de cabeleira a vampirizar o Douglas, e consegue-o, como consegue confirmar o seu valor de excelente actriz.

Depois de "TITANS DO CEU"  
e "PAMPLINAS MILIONÁRIO"

a METRO-Goldwyn-MAYER

apresenta no **TRINDADE**

mais uma grande produção  
em que se reúnem os três  
elementos de sucesso

**Idea**  
**Interesse**  
**Beleza**

Uma resposta  
ao veneno das falsas  
teorias de Liberdade — com

# “UMA ALMA LIVRE”

Norma Shearer      Clark Gable  
Lionel Barrymore      Leslie Howard

Realização de Clarence Brown



É UM FILME DO "ANO METRO"

Um filme que se vê com agrado, «Um Homem de Negócios».

**Autores:** Edmund Goulding e Irving Berlin. **Cenaristas:** Edmund Goulding e Elsie Janis. **Fotógrafo:** Ray June e Robert Planck. **Director de som:** Oscar Laegerstrom. **Realizador:** Edmund Goulding. **Interpretes:** Larry Day, Douglas Fairbanks; Vivian, Bebe Daniels; Rogers, Edward Everett Horton; Jin Carrington, Jack Muhlall; Sir Horace, Claud Allister; James Benton, Walter Walker; Kitty, June MacCloy; Secretária, Helene Jerome Eddy.

Produzida em 1936 pela United Artists. Programa Castelo Lopes, Lda. Estreada no «Águia D'ouro» em 14 de Novembro de 1932.

O TIGRE (Der Tiger): — Johannes Meyer, o realizador inesquecível de «Asfalto», é um dos grandes talentos directivos do cinema alemão. O seu trabalho em «O Tigre», maneando o interesse do espectador à sua vontade, burilando as cenas com o cinzel hábil da sua concepção e da sua inteligência, seria mais que suficiente para o classificar como um animador fílmico de grande merecimento.

Cada quadro de «O Tigre» é um pedaço de cinema, que a continuidade transforma numa obra-prima. Apesar de já ser velho de dois anos — e este é um dos poucos fonófilmes em que o atrazo de dois anos na sua exibição não deixou marcados quaisquer vestígios de inferioridade — Johannes Meyer soube já tirar enorme partido da colaboração sonora. As cenas finais em casa do inspector, na escuridão e no silêncio, apenas interrompidos pelos tiros de «O Tigre», são de indescritível efeito, criam um ambiente de realidade e de expectativa que as tornam uma das melhores sequências do filme e uma forte demonstração das possibilidades de Johannes Meyer.

Harry Frank e Charlotte Susa teem a seu cargo os principais papeis. Ambos se portam à altura das exigências do estrecho.

Gestos moderados, atitudes dubias, sabendo esconder, como era mistério, o caracter das verdadeiras personagens que interpretam. Apreciável o diálogo de ambos nas cenas finais.

O melhor colaborador, porém, de Johannes Meyer, foi o fotógrafo Carl Hoffmann, que criou a atmosfera com a sua prodigiosa objectiva e com a distribuição luminosa em que é mestre consagrado. Ambos fizeram de «O Tigre» um trabalho cinegráfico de grande valor.

**Autor:** Rudolph Katscher e Egon Eis. **Cenaristas:** Os mesmos. **Fotógrafo:** Carl Hoffmann. **Realizador:** Johannes Meyer. **Interpretes:** Nora, a Laura, Charlotte Susa; O Inspector, Harry Frank; Uma «gigolette», Trude Berliner; A americana, Hertha von Walther. **Outros interpretes:** Max Wilmsen, Max Maximilian, Erich Kestin, Henry Pless, Ernst Dernburg e Victor Gehring.

Produzida em 1930 pela «Ufa». Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Lda. Estreada no «São João» em 14 de Novembro 1932.

EMILIO E OS DETECTIVES (Emil Und Die Detektive): — Um filme de garotos, para gente grande, grande e

pequena. Para quem quiser vêr uma boa produção.

Eu não sei ao certo se Gerhard Lamprecht viu primeiro «Matou», ou se, primeiro, Fritz Lang viu «Emilio e os Detectives». O que é facto é que esta obra tem alguma coisa de «Matou». As estafetas e a distribuição de serviços dos pequenos detectives, tal como a distribuição das missões policiais em «Matou»; a reunião dos rapazes naquele isolado barracão, como se reunia em



afastado subterrâneo a quadrilha dos ladrões do filme de Fritz Lang; a massa numerosa dos garotos, disposta em anfiteatro, de garotos que constituem a malta que vai perseguir o gatuno, tal como o grupo numeroso de membros do tribunal de «Matou»; e, finalmente, a perseguição que os rapazes fazem a Fritz Rasp, quando o cercam, e que a filmagem em plongée releva extraordinariamente, tem muitos pontos de contacto com a perseguição que alguns dos gatunos de «Matou» fazem a Peter Lorre.

Isto, porém, em nada inferioriza «Emilio e os Detectives». Essa analogia, mesmo na hipótese de Gerhard Lamprecht ter visto «Matou» em primeiro lugar (e estou em crer que se deu o contrário, pois me parece que «Matou» foi produzido depois), antes salienta o valor de «Emilio e os Detectives», porque é constituída por trechos de boa composição, acessórios construtores da obra, uma obra que é um bom trabalho cinematográfico.

Ainda há dias elogiei Norman Taugog pela maneira como dirigiu os garotos de «Skippy», e agora, Gerhard Lamprecht appare-nos a merecer os mesmos encómios. Aquele delineou melhor a parte sentimental, a base de toda a obra, e obteve dos petizes o máximo de potência de interpretação pessoal. O realizador alemão foi menos romântico. Além de o seu trabalho mais se evidenciar na direcção em conjunto do excelente grupo de rapazes, fez, mais do que um estudo psicológico, um trabalho físico. E aqui mostrou extraordinária habilidade.

Os quadros no comboio, depois que o pequeno Emil ficou só com o «homem do chapéu de côco» definem bem a espécie de companheiro que é a personagem interpretada por Fritz Rasp. O sonho de Emil, que a técnica mecânica, com a distorsão das imagens, nos

faz sentir em toda a amargura do pesadelo, mostra bem fielmente o receio que ao petiz inspirou tão estranho viajante. E depois, na reunião dos garotos, na introdução no quarto do hotel, e, principalmente, na perseguição, afirmou Gerhard Lamprecht as suas qualidades de realizador que sabe — que sabe o que faz.

Apenas discordo daquele final da recepção aos petizes, em Neustadt. Tem muito aspecto de romaria ou de Festa da Arvore. Se o filme fôsse satirico, prestava-se a certa charge. Assim, como é uma fita a sério — a despeito de ser interpretada por garotos — acho que devia acabar quando o gatuno é prêsso, ou, vá lá um pouco de condescendência, quando atribuem ao pequeno Emilio o prêmio de 1,000 marcos.

A pesar do ritmo do filme ficar quebrado com aquela festarola, com aquêles vivas e aquêles desfile de crianças que parece que vão cantar a «Escolas, semeai! lá da terra», «Emilio e os detectives» não deixa de ser um grande filme, uma apreciável obra de bom cinema.

**Autor:** Erich Kaestner. **Cenarista:** Billie Wilder. **Fotógrafo:** Werner Brandes. **Decarador:** Werner Schlichting. **Autor musical:** Allan Grey. **Director de som:** Hermann Fritzsching. **Realizador:** Gerhard Lamprecht. **Interpretes:** O homem de chapéu de côco, Fritz Rasp; a senhora Tischbein, Keethe Haak; Seu filho Emil, Rolf Wenkhaus; O policia, Rudolf Biebrach; A avó, Olga Engl; Pony, Inge Landgut; Gustavo, o da buzina, Hans Schaufuss; Professor, Hubert Schmitz; Papagaio voador, Hans Richter; Terça-feira, Hans Loehr; Gerold, Ernst-Eberhard Relling.

Produzida em 1931 pela «Ufa». Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Lda. Estreada no «São João» em 14 de Novembro de 1932.

SOB UMA FALSA BANDEIRA (Unter Falsche Flagge): — De entre os filmes que teem abordado o assunto interessante da espionagem durante a guerra, este merece um lugar destacante pela diversidade das situações de



suspense que constituem o seu estrecho, cenarizado com grandes conhecimentos, porque o filme deslisa comedidamente, numa fluência que delicia, o melhor elogio que pode ser tecido a um cenarista.



*Os cinéfilos lisboetas andam entusiasmados com "Um Sonho Dourado". A graça de Lilian Harvey, a alegria de Henry Garat e Pierre Brasseur, a fantasia da realização (dizem que é uma maravilha a marcha dum comboio que conduz Lilian Harvey para Hollywood), a música linda de Werner Heymann, tudo ficou de acôrdo para dar a "Um Sonho Dourado" a realidade dum trabalho original e excelente de cinema sonoro.*

## Dentro e Fora dos Estudios

Original na sua construção, pelo menos na maneira como coloca as personagens frente a frente, curioso na revelação de certos pormenores dos mistérios da alta espionagem, desconhecidos ainda da maior parte do público, apesar de tudo quanto se tem publicado sobre o assunto, o trecho de «Sob uma falsa bandeira», desenvolvido por cérebro inteligente e prático na arquitectura filmica, chama sobre si a atenção do espectador, que só se desvia com o *fade-out* final, e concorre com grande quota parte para o valor da película.

Johannes Meyer, que ainda há pouco elogiei pela realização de «O Tigre», é director que, com alguns outros, precisava de nos aparecer com mais frequência, para que o público se habituasse com eles e se fosse familiarizando com o bom cinema. A despeito de ser falada em alemão, o diálogo pouco interessa para a solidez do trecho ou para a sua compreensão. As poucas legendas sobrepostas cumprem bem a missão de, aqui e ali, dar uma explicação imprescindível, e o resto, é tudo feito à custa de imagens que são, cada uma delas, quadros de boa composição cinematográfica, que uma excelente montagem releva extraordinariamente.

E se algumas seqüências há que pôr em destaque, a do «Marabu-Bar», com a movimentação das suas peripécias, e a da perseguição final, com o seu desfecho naturalíssimo e humano, impõem-se pela exuberância da acção, pelo recorte saliente dos seus quadros.

Charlotte Susa, que também estamos pouco habituados a vêr (e não há fome que não traga fartura, porque agora a linda actriz alemã aparece simultaneamente em dois cinemas) é uma actriz que de pressa vai conquistar a simpatia do público; a simpatia pela sua grande beleza e pelo talento que facilmente se lhe reconhece. A sua Maria em «Sob uma falsa bandeira» é uma figura ingrata, difícil, mas que Charlotte Susa compreende bem e desempenha com a sobriedade requerida. É uma boa actriz — mais uma grande actriz que a América acaba de adquirir. Gustav Froelich é um actor já consagrado, um actor que se vê com prazer. Tem a naturalidade habitual da generalidade dos artistas americanos. A cena em que o seu chefe lhe anuncia que sua esposa é a espia procurada, momento de grande valor histriônico, podia — receava-o — cair no exagêro, na gesticulação teatral; mas não, foi magnífico de sobriedade, de suficiência interpretativa. Os outros, Speelmanns no comissário da policia, Ernst Dumcke no capitão Weber, Elza Temary na auxiliar Lilo, Brausewetter no violinista, etc., todos naturalmente formando um excelente grupo, a emprestar ao filme o máximo de realidade.

E, para fechar, uma referência ao trabalho fotográfico da película, trabalho maravilhoso saído das mãos de Otto Kanturek, um dos da velha-guarda, camarada que tem sido de Karl Freund, de Hoffmann, de Guenther Ri-

Richard Talmadge (Ricardito) adquiriu os direitos de autor da história de James Bell Smith «Broken Wings» («Asas Quebradas»), que será a sua próxima fita.

### Novo filme de Olga Tschechowa

O produtor alemão Carl Froelich contratou Olga Tschechowa para interpretar na nova fita «Der Choral von Leuten» a primeira figura feminina, ao lado de Otto Gebuehr.

Notícias de Culver City informam que Charlotte Susa, a actriz alemã contratada pela «M-G-M», tem um livro preferido que nunca abandona — o dicionário inglês-alemão. A despeito dos conhecimentos de inglês que já possui.

### «Um Sonho Dourado» na Inglaterra

Toda a imprensa inglesa tece os maiores elogios à super-produção «Um Sonho Dourado», da «Ufa», que em 8 do corrente se estreou no Prince Edward Theatre, de Londres. Entre os muitos méritos do filme, salientam o desempenho de Lillian Harvey, que classificam um dos melhores da sua carreira, a excelente fotografia de Gunther Rittau, pondo em grande relêvo certas seqüências, entre as quais a marcha do comboio fantástico para Hollywood.

Pière Colombier está preparando nos estúdios «Pathé-Natan» a fita «Clo-

tau, dos mestres a quem o bom Cinema é tam grande devedor.

Autor: Max Kimmich. Cenaristas: Johannes Brandt, Josef Than e Max Kimmich. Fotógrafo: Otto Kanturek. Decorador: Otto Hunte. Autor musical: Guiseppa Becce. Director de som: Adolf Janson. Realizador: Johannes Meyer. Intérpretes: Maria Horn, Charlotte Susa; Capitão Frank, Gustav Froelich; Comissário de policia, Hermann Speelmanns; Capitão Weber, Ernst Dumcke; A auxiliar Lilo, Elza Temary; Chefe do serviço secreto alemão, Friedrich Kayssler; O florista, Joseph Almas; O empregado do florista, Gerhard Rittterband; O violinista, Hans Brausewetter; Rakowski, agente russo, Theodor Loos; General Urusow, Aribert Waescher; Capitão Sergej Petrovich, Harry Hardt.

Produzida em 1931 pela «Universal» — «Tobis». Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, Lda. Estreada no «Trindade» em 15 de Novembro de 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

domir & Cie.), que terá como primeiro actor Raimu, que vimos em «Marius».

Odette Florelle vai interpretar o papel de Môme Crevette na realização cinematográfica que vai ser feita de «La Dame de chez Maxim's».

### Boa assistencia a uma ceia

Winfield Sheehan, vice-presidente da «Fox», ofereceu em fins de Outubro, a diversos membros do «Mayfair Club», uma ceia no Café de Paris, no estúdio, a que assistiram, entre outros:

Janet Gaynor, Norma Shearer, Sally Eilers, Ann Harding, Irene Dunne, Mirlam Hopkins, Mary Brian, William Powell, Warner Baxter, Gary Cooper, Richard Dix, John Gilbert, Charles Chaplin, Douglas Fairbanks Jr., Robert Montgomery, Clark Gable, Conrad Nagel, Fred Niblo, etc.

Una Merkel, a loura actriz da «M-G-M» que veremos esta temporada em «Vidas Intimas», com Norma Shearer e Robert Montgomery, tem um dos papeis da nova fita «Nora», que aquela casa está produzindo com Jean Harlow e Clark Gable.

Depois duma viagem aérea de três semanas pela América do Sul, chegou a New-York o conhecido actor americano Will Rogers, que vimos em «Um Yankee na Corte de Rei Artur», e que veremos esta temporada em «Embaxador sem Cerimónia», com Greta Nissen.

### Novos artistas para «Sangue Vermelho»

Para a fita «Call Her Savage» («Sangue Vermelho»), que a «Fox» está produzindo com Clara Bow na protagonista, acabam de ser contratados, Margaret Livingston, Dorothy Peterson, Russell Simpson, Reginald Barlow e Fred Kohler, para aparecerem num prólogo daquela película. Os outros artistas que já estão trabalhando em «Sangue Vermelho», são, além de Clara Bow, Gilbert Roland, Alexander Kirkland, Thelma Todd e Estelle Taylor.

Tem estado em França o célebre realizador dinamarquês Carl Th. Dreyer. Parece que vai fazer uma fita em três versões, para a «Osso».

Na capa: — Norma Shearer, principal protagonista do filme «Uma Alma Livre».

Redactores:  
João Santos  
e Sousa Martins

Redacção e Administração:  
Rua do Bom Jardim, 436-3.º  
PORTO

# CINEMA

## SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS  
Continente e Ilhas:  
Trimestre, 12\$00, Sem.  
24\$00, Ano, 46\$00 —  
Ultramar: Trimestre,  
14\$50, Sem. 29\$00,  
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:  
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas  
da Empresa AQUILA  
Rua Duque Saldanha, 312  
PORTO

### “UMA ALMA LIVRE”

(Continuação da página 9)

te aprouver. Sê livre. Vai contra o vento. Despreza os preconceitos e as conveniências da burguesia». Ela admirava seu pai, amava-o, tinha confiança nele. E era esse mesmo pai que a relacionava com os miseráveis recém-saídos do banco dos réus. O inevitável verificou-se. O pai não pensou em que um desses canalhas era sedutor, e que sua filha era bela. Quando ela quis fugir de Wilfong, ele não pôde defendê-la. Foi o acusado quem o fez. Suprimiu Wilfong e deu como motivo do seu crime uma dívida de jôgo. Não queria que se soubesse a verdade.

\*Quem tiver filhos deve desejar que estes tenham uma alma tam grande como a de Winthrop. E os que tenham filhas devem compreender que especie de desgraçada o pai de Jane Ashe fez dela. Não viria aqui assolhar a minha vida intima, nem a desta criança que mais do que tudo amo no mundo, se não tivesse a certeza de vos esclarecer sobre o verdadeiro responsável de tôdo este drama. Esse responsável, sou eu...

Um silêncio religioso pairava na sala. A voz de Ashe tinha uma expressão comovente. Jane soluçava. O pai quis reconfortá-la, mas cambaleou de súbito. Ia fulminá-lo uma congestão. O cerebro havia trabalhado excessivamente, o coração batera demasiado e o alcool precipitava os estragos naquele organismo ainda novo mas já gasto. Caiu diante da grade. Jane Ashe estava orfã.

Dwight Wintrop foi absolvido. O seu amor por Jane era sempre o mesmo. O luto e o drama eram muito recentes ainda para que pudessem pensar em construir a sua felicidade sobre estas ruínas. Mas ambos eram jovens... E diante deles havia a vida... uma longa vida.

# BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

## CINEMA SONORO

TERÇA-FEIRA, 22 — A MAGNIFICA COMEDIA

### Manobras de Amor

com a linda actriz CHARLOTTE SUSA

A seguir: Estrela no Porto do filme de aventuras

### Na Vista do Oiro

Brevemente: *O Direito de Amar*  
com GRETA GARBO

## PREÇOS POPULARES

Matinées às Quintas, Sabados e Domingos

# Incontestavelmente o melhor receptor é o M E N D E

Sonora — Radio  
Rua 31 de Janeiro, 190 — PORTO

## N.º 35

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

## Senha de Bonus aos compradores do “CINEMA,”

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinées de Quinta-feira e Sabado, 24 e 26 de Nov.  
OLYMPIA — Matinées de Quinta-feira e Sabado, 24 e 26 de Nov.  
BATALHA — Matinées de Quinta, Sabado e Domingo (1.ª), 24, 26 e 27.  
CINE-ODEON — Soirée de Sabado, 24 de Novembro.

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: Plateia, 250; 2.º Balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.

**Entre as grandes produções que**

# **Castelo Lopes, L.<sup>da</sup>,**

**a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos.**

**vai apresentar esta temporada,  
anunciamos desde já os seguintes:**

## **O REI DO BEIJO**

com GEORGES MILTON

## **É PRECISO CASÁ-LOS**

com ANNY ONDRA

## **O FILHO DA AMÉRICA**

com ANNABELLA e ALBERT PRÉJEAN

## **OS TRÊS AMIGOS**

com HARRY PIEL

## **CASAMENTO DE AMOR**

com LIEN DEYERS e G. ALEXANDER

## **EM NOME DA LEI**

com MARCELLE CHANTAL

Nenhum exibidor deve ocupar as suas datas sem consultar a lista de

# **CASTELO LOPES, L.<sup>DA</sup>**